

**LITERATURA NEGRA PRODUZIDA EM MATO GROSSO E
A EDUCAÇÃO LITERÁRIA:
caminhos para a representatividade**

**BLACK LITERATURA PRODUCED IN MATO GROSSO AND
LITERARY EDUCATION:
paths to representation**

Adriana Lins Preciosoⁱ

Helenice Joviano Roque de Fariaⁱⁱ

RESUMO: O presente texto busca apresentar produções de mulheres negras no estado de Mato Grosso, especificamente obras de Neusa Baptista Pinto, Luciene Carvalho e Helenice Faria, entre outras, como possibilidade de desenvolver trabalhos de educação literária e reverter o triste *ranking* que o estado de Mato Grosso/MT assume de primeiro lugar de racismo no país. Adotamos a metodologia de pesquisa bibliográfica e acreditamos que, via Literatura, é possível criar consciência e empatia, além de contemplar a obrigatoriedade da lei 10639/03 que promove a inclusão da História, Arte e Cultura afro-brasileira nos currículos das escolas brasileiras.

Palavras-chave: Literatura Negra Feminina. Escritoras Mato-grossenses. Educação Literária.

ABSTRACT: This text seeks to present the productions of black women in the state of Mato Grosso, specifically works by Neusa Baptista Pinto, Luciene Carvalho and Helenice Faria, among others, as a possibility of developing works of literary education and reversing the sad ranking that the state of Mato Grosso/ MT assumes the first place of racism in the country. We believe that, through Literature, it is possible to create awareness and empathy, in addition to contemplating the obligation of Law 10639/03, which promotes the inclusion of Afro-Brazilian History, Art and Culture in the curricula of Brazilian schools.

Keywords: Black Women's Literature. Female Writers from Mato Grosso. Literary Education.

1 INTRODUÇÃO

A discussão a respeito da representatividade da população negra no Brasil perpassa por alguns caminhos que julgamos necessários revisitar. A primeira delas é a garantia de educação no sentido mais amplo e, para isso, recuperamos então a Constituição Federal. Desse modo, vale salientar que a constituição brasileira de 1988 prevê em seu artigo 205 que “A educação, direito de todos¹” deve ser promovida e incentivada tendo em vista o pleno desenvolvimento da pessoa humana visado o exercício da cidadania.

Destacamos dessa lei uma parte importante que se propõe ao “pleno desenvolvimento da pessoa” – ou seja, a abrangência desse objetivo pode recobrir o valor de se identificar enquanto sujeito pleno de saberes, valorizado socialmente e capacitado para o exercício da cidadania em diferentes espaços da comunidade o qual está inserido. Logo, a educação, como um direito humano, garante a evolução das pessoas para inúmeras formas de qualificação para o trabalho.

Na atualidade, podemos evidenciar alguns avanços a respeito da lei e da representatividade do povo brasileiro de forma mais específica. Em 2003, a Lei 10.639/2003, alterada a posteriori pela lei 11.645/2008, torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nos ensinos Fundamental e Médio. A contar de sua publicação, a lei completa 20 anos, mas observamos que os desafios para o seu cumprimento pleno ainda são enormes.

Embora o racismo no Brasil constitui um problema arraigado na estrutura histórico-social-cultural e econômica do país, as consequências da colonização escravocrata, que formatou a sociedade brasileira, revelam os frutos amargos colhidos pela desigualdade dos diversos aspectos sociais, ainda hoje refletidos na população negra.

Sílvio Almeida (2021, p. 32) ao pontuar sobre o racismo no Brasil, afirma que esta é uma forma sistemática de discriminação em que a raça é o fundamento e suas manifestações se fazem por práticas conscientes ou inconscientes vivenciadas pelos indivíduos.

Dessa forma, reconhecemos que no Brasil, o racismo é estrutural, e tal como Almeida indica, urge a composição de novas narrativas para definir melhor sobre o saque histórico cometido contra os povos africanos, quando reis, rainhas e nobres foram cruelmente retirados de seu país e trazidos ao Brasil. Escravizados e sofrendo diversas violências, a História oficial, sabemos, oculta tais narrativas e suaviza o processo de escravidão, ainda nos dias atuais.

Elucidar novas narrativas exige (re)colocar o povo negro nos diversos lugares dos quais lhes foram negados. Também (re) conhecer os dramas, os conflitos e os enfrentamentos desses é um exercício de escuta, tendo em vista a necessidade de narrativas modernas enunciadas pelos pretos e pretas, seja individualmente ou coletivamente, pois, o Brasil não conhece sua história e identidade

¹ [Art. 205 - Seção I. Da Educação - Constituição Federal Comentada | Jusbrasil Doutrina](#) – visitado em 16/01/2023.

embora ultimamente há um esforço por altear essas vozes e produzir a lírica feminina negra contemporânea.

2 ADENTRANDO RAPIDAMENTE A DISCUSSÃO

Um dos dispositivos para furar as bolhas dos espaços literários elitizados (branco, masculino e heterossexual) constitui o maior desafio desses grupos. Ao avançar lentamente autores e autoras constroem espaços de notoriedade, respeito e alcançam leitores e leitoras, ganham prêmios que estão muitas vezes reservados à branquitude. Observamos também a efervescência dos estudos da literatura afro-centradas em ambientes acadêmicos bem como fora dele.

Outrossim, com o crescimento da produção literária de autoria feminina brasileira, concomitantemente, o desdobramento da literatura de autoria feminina negra, essa vertente literária tem sido destaque nos variados ambientes sociais. Isso se deve aos avanços dos estudos e uma vasta produção da temática feminina e, em consequência, o feminismo negro, que colabora para a construção de um novo cenário para os estudos literários no país.

Ao explicar sobre os Direitos Humanos, Antonio Candido (1988, p. 172) revela a sua pressuposição: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós, é também indispensável para o próximo”. Daí, a revisitação tão recorrente, nos últimos anos, ao seu famoso texto “Direito à literatura”, que aponta seu acesso como um bem cultural ao ser humano, equiparado às necessidades mais profundas quais sejam o direito à moradia, alimentação e outros bens compreensíveis.

O autor entendia a literatura não apenas como parte do direito humano, mas julgava-a importante, parte essencial da educação formal, tal como destaca:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 1988, p. 175).

Na atualidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que baliza a organização do currículo brasileiro aprovada em 2017 pelo Ministério da Educação (MEC), estabelece as competências e as habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes através do trabalho literário em sala de aula.

Campello, Roque-Faria, Nunes e Silva (2021, p. 17) lançando o olhar sobre a BNCC, afirmam que:

Pensar neste cenário nos faz retornar ao educador atemporal Freire (1997), quando afirma o comprometimento político nas práticas educativas e as intervenções nas realidades sociais. As transformações educacionais, ocorridas e reveladas nestes tempos pandêmicos, iniciadas no Brasil em março de 2020 e persistindo até o presente momento, impelem-nos a compreender o novo normal, **refletir acerca de estruturas sociais e (re)ver as práxis educacionais, a partir das distintas realidades culturais, contextuais, existenciais**. Nesta esteira, torna-se necessário compreender as aprendizagens vividas pelos estudantes brasileiros dentro e fora dos muros da escola e, agora, para além do ensino remoto. (grifos nossos).

Como pesquisadoras e pactuando com os autores, reafirmamos a importância de “refletir acerca de estruturas sociais e (re)ver as práxis educacionais, a partir das distintas realidades culturais, contextuais, existenciais”, o que nos encaminha às dez competências gerais previstas para a Educação Básica. Especificamente, elencada como terceira de uma lista de dez, vê-se a Literatura indicada em “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.”² A Literatura enquanto arte presentifica diferentes expressões artísticas tais como raps, slam, poemas, contos, romances, para citar alguns e gera inúmeras possibilidades de trabalho. Assunto que desenvolveremos na próxima sessão.

3 A LITERATURA EM CONTEXTO MATO-GROSSENSE

Um dos estados da região centro-oeste que pouco se ouve falar da literatura negra feminina é o estado de Mato Grosso. Nossa grande inquietação reside no fato de que temos produção literária entretanto pouca ou quase nenhuma circulação de obras de autoras negras.

Interessante que os estados organizam seus documentos orientadores educacionais baseados na BNCC, na tentativa de atender às necessidades de cada região. Especificamente a orientação é o Documento de Referência Curricular para o Mato Grosso (DRC-MT), publicado em 2018 e organizado em cadernos, o qual apresenta as concepções básicas da Educação para o estado, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A área da Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa), alerta habilidades que podem envolver o trabalho com a Literatura, quais sejam:

I. **Antes da produção**, quando apresentamos aos estudantes diferentes **textos** de um mesmo gênero, **para conhecimento, interpretação e apreciação ética e estética**:

a) **Ler e compreender**, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, **textos narrativos de maior porte** como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas;

² [Sobre as competências gerais da BNCC \(escolasconectadas.org.br\)](https://www.escolasconectadas.org.br) – Visitado em 19/01/2023.

b) **Ler e compreender**, com certa autonomia, **narrativas ficcionais** que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto. (2018, p. 56 – grifos nossos)

A sugestão da BCNN evoca o trabalho com os diferentes textos e abriga os mais variados gêneros literários, abrindo assim, infinitas possibilidades de abordagem para a educação literária em contexto de ensino do componente curricular - Língua Portuguesa. Através dessas diretrizes, cada escola pode se organizar na seleção dos conteúdos mais relevantes e que se alia à realidade vivenciada por cada comunidade escolar.

Tendo em vista que as escolas optam pela literatura, de acordo com os anseios e objetivos de cada comunidade, a Lei 10639/2003 não é primazia nas escolas e infelizmente, os resultados refletem nas páginas dos jornais mais respeitados no Brasil. Para citar, a manchete: “MT ocupa primeiro lugar no ranking de racismo no país³.” – essa reportagem de 30/10/2020 a qual nos causa indignação, mas suscita alguns questionamentos: Como inserir a literatura negra nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas de Mato Grosso? De que maneira reverter o quadro de “um estado racista” para “um espaço inclusivo e equitativo”?

É inegável a afirmação da educação como porta e acesso ao debate. Por essa via, o texto literário em sua variedade de gêneros potencializador da capacidade dos alunos e alunas de “ver mundos”, questionar, problematizar, (re) discutir a constituição e a construção das estruturas sociais e viabilizar a criticidade para uma vida individual e coletiva com equidade racial.

É inegável que os professores e as professoras, enquanto agentes literários, empreendem, ao longo de sua práxis, a transformação da realidade na qual estão inseridos. Conforme Paulo Freire (1987; 1992; 1997) relacionar nos estudos as diferentes epistemologias, promove uma educação crítica, induz o processo libertário e emancipatório, sobretudo a educação como direito humano, pois tem como “[...] uma das questões centrais [...] a linguagem como caminho de invenção da cidadania.” (Freire, 1992, p. 40).

Mencionamos as pautas feministas e o avanço das produções literárias negras no Brasil como caminho possível de visibilidade e desconstrução de uma estrutura elitizada do cânone literário brasileiro. Neste trabalho, a literatura produzida por mulheres negras - no campo das ciências em geral, da filosofia e das artes - tem se feito cada vez e com mais intensidade. Autoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Esmeralda Ribeiro, Taís Espírito Santo entre tantas outras, já ocupavam, no cenário literário nacional, seus “lugares de fala” e produziam/ produzem narrativas únicas de como ser negro, insurgências importantes para o cenário nacional.

Longe dos holofotes, no estado de Mato Grosso encontramos contribuições e discursividades apropriadas para as práticas em sala de aula. A consolidação dessa autoria negra-feminina encontra-se embora tímida nos espaços culturais e educacionais mato-grossenses. Essas conexões sociais e culturais

³ [MT ocupa o primeiro lugar no ranking de casos de racismo no país | Mato Grosso | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/mato-grosso/brasil/noticia/2020/10/30/mt-ocupa-primeiro-lugar-no-ranking-de-casos-de-racismo-no-pais-1.6711111) – Visitado em 17/01/2023.

favorecem o debate, produzem esclarecimentos, indicam novos posicionamentos e promovem a tão enunciada educação literária inclusiva e libertadora; papel fundamental da Literatura ao longo dos séculos.

4 UM EXERCÍCIO ANALÍTICO DA PRODUÇÃO MATO-GROSSENSE

Escolhemos apresentar quatro obras, produzidas por mulheres negras mato-grossenses representando desde a mais tenra infância até a maturidade. A primeira autora, Neusa Baptista Pinto levanta questões significativas para a cultura negra brasileira: o cabelo. Em suas obras *Bia, Tatá e Ritinha – Cabelo Ruim? Como assim?* (2014) e *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2016), traz ilustrações de André Zan e Nara Silver e problematiza o racismo estético. Tal discussão é popularizada no Brasil e historicamente disseminada de que os corpos negros, especificamente na obra, os cabelos enrolados ou cacheados são considerados cabelos ruins e apenas cabelos lisos, são considerados “bons” e “bonitos”.

Figura 1: Capas das obras de Neusa Baptista Pinto



Fonte: acervo das autoras

Tal tentativa de desconstrução dos estereótipos dados aos corpos negros, provoca reflexões sobre empatia, respeito e questiona a forma como enxergamos a nós e aos outros. Vale destacar que:

O cabelo do afrodescendente certamente é parte intrincada do perfil estético que compreende a identidade negra. A relação que cada um tem com seu cabelo é muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes conceitos sobre a forma como encaram seu cabelo e traços, descendentes das populações que vieram do continente africano. Há também que se considerar

as noções de alteridade que cada um tem, que em geral causam um "despertar" para o reconhecimento de uma identidade própria, frente ao espelho e à sociedade. (FAGUNDES, 2019, p. 1)

Dentre os inúmeros significados na cultura africana, os diferentes traçados poderiam indicar estado civil, a origem, idade, religião, posição social entre outros, tal como esclarece Raphaela M. Fagundes (2019). Todavia, como espólio da escravidão, no Brasil, esses vários valores se ressignificaram, dando lugar a uma série de preconceitos que existem até hoje.

Desse modo, reforçar o processo, tanto de aceitação como de valor estético positivo se faz importante para um (re)posicionar da sociedade ainda no seio da educação infantil. Nesse ponto, obras como as de Neusa B. Pinto, é uma porta essencial e a garantia de provocação e criticidade pela educação literária. Neste sentido, além de cumprir a Lei 10.639/03, o trabalho com este tema propõe a (re)definição de valores culturais, que carecem ser atualizados na sociedade brasileira.

Já Luciene Carvalho, ocupante da cadeira número 31 da Academia Mato-Grossense de Letras, em sua trajetória multi-artista faz da poética sua maior cúmplice para tratar de temas diversos, dentre eles as dores da mulher negra e oferece aos leitores e leitoras momentos de contemplação sobre o corpo negro em seus fluxos e percursos. Dona de inúmeros prêmios literários, destacamos *Dona* (2018). Nessa coletânea de poemas, dividido em blocos temáticos nomeados como "Espelho", "Caixa de Pandora", "Chave", "Semáforo" e "Mandala", a poeta destaca, especialmente o modo de viver de muitas mulheres, principalmente aquelas que vivenciaram e/ou vivenciam a fase dos 50 anos. A voz poética exala as dores, as alegrias, os estigmas e denuncia um dia-a-dia carregado de imagens por nós tão conhecidas e que ganham, no arranjo poético a vivacidade de ser mulher.

Não são apenas mulheres negras que ganham o espaço de destaque nesta obra. Pelo título, entrevê uma possível leitura de processos de conscientização do lugar da mulher na sociedade atual. Ser *Dona*, é ser quem se nasceu para ser, muito mais livre e liberta. A autora destaca os cabelos, tal como observamos no poema abaixo:

Fios Soltos

O *black power* voltou,
soltou cachos e grenhos.
Para mim é 13 de maio,
libertação dos escravos.
O último cravo
socado na cabeça dos negros.
E quando um preto poder
cruza com outro pela rua,
o riso cúmplice

é inevitável.
Ah! O *black power* voltou
e cada um é único
- comemorado -
uma história singular contada.
E quando um preto poder
cruza outro na calçada,
é parentesco sem palavra;
blacks tridimensionais
trazem sinais
da ocupação do espaço
black power! Tô apaixonada.
Fácil entender.
Precisa traduzir?
Preto poder, mais nada. (CARVALHO, 208, p. 91 – grifos da autora).

A celebração do cabelo traz (re)textualiza a história: o cabelo “black power.” Auge por volta dos anos de 1960 e utilizado, principalmente naquele momento por homens afrodescendentes com bastante volume e forma arredondada, este cabelo é tido como casual, mas seu histórico recupera o símbolo de resistência e empoderamento.

Os “Fios soltos” celebram a libertação não só dos homens e mulheres negras, mas também, a soltura dos cabelos como insígnia de um novo tempo em que coletivamente festeja-se o “riso cúmplice”, a nova era, o “Preto Poder”, o que por si só, basta.

Outro poema que revela o cotidiano de inúmeras mulheres Brasil afora, é:

Dona Maria

Dona Maria
acorda, faz o café,
arruma o pão,
gruda o bucho no fogão;
faz chá,
depois cozinha o feijão.
Corta o alho,

a cebola,
enrola a couve,
corta a folha bem fininho,
refoga.
Afoga os sonhos
no ensopado de acém.
Alface ela lava bem
com a pouca água que tem.
Do arroz tira três medidas...
Bastante arroz
parece muita comida.
Do almoço, sobra panela,
claro que sobra para ela.

Lava louça
e começa a ver novela.
Liga o tanquinho,
enfia roupa,
vai escutando a novela
e começa a fazer sopa.
Este é seu dia.
Mudança, se tem, é pouca:
uma ida no postinho,
num domingo escapa um vinho.
Dona Maria
não tem carta de alforria.
Tem marido, filho, neto,
tem o cocho e tem o teto,
tem o nome
e tem azia. (CARVALHO, 2018, p. 63-4).

O retrato minucioso em “Dona Maria” traduz a realidade vivenciada por inúmeras mulheres negras não apenas em seus afazeres domésticos, mas estendido às brasileiras de modo geral. Fazer café, cozinhar feijão, lavar roupa no tanquinho e ouvir a novela é o exemplo restrito do fazer doméstico;

outrossim, o “afogar os sonhos / no ensopado do acém”; a louça do almoço que “claro que sobra para ela” e a falta da “carta de alforria”, uma vez que, seu dia é tão preenchido por tantos afazeres que não há descanso.

Há em *Dona*, tantos outros poemas que refletem aspectos importantes a serem levados à sala de aula, às rodas de conversa, aos Coletivos, em trabalhos de educação literária. São temáticas dialógicas que promovem respeito, empatia, para além, a educação libertária, tão bem descrita em Freire (1992, p.80):

É imperioso irmos além de sociedades cujas estruturas geram ideologia de acordo com a qual a responsabilidade pelos fracassos e insucessos que elas mesmas criam pertence aos *fracassados* enquanto indivíduos e não às estruturas ou à maneira como funcionam essas sociedades. Se os garotos negros não aprendem bem o inglês a culpa é deles, de sua incompetência “genética” e não da discriminação a que são submetidos, de raça e de classe, e não do elitismo autoritário com que se pretende impor o “padrão culto”, elitismo, no fundo, irmão gêmeo do desrespeito total ao saber e ao falar populares. É o mesmo que ocorre no Brasil, Os meninos e as meninas dos morros e dos córregos não aprendem porque são, de *nascença*, incompetentes.

É importante destacar que no período pandêmico da COVID-19, momento de grande crise sanitária no mundo inteiro, vivenciado no final de 2019 até 2021, assistimos estarrecidos a morte de George Floyd, um homem negro que foi morto por sufocamento por um policial branco americano no estado de Minnesota, no dia 25 de maio de 2020. Divulgada pelas diversas mídias, a denúncia de racismo por parte dos policiais deu origem a uma série de manifestações nos Estados Unidos e no mundo recuperando a ação ativista internacional *Black Lives Matter* (Vidas Pretas Importam) – campanha contra a violência direcionada às pessoas negras.

Indignadas, não apenas com este episódio, mas afetadas pelas situações vivenciadas em sala de aula na educação pública em Mato Grosso, um grupo de mulheres pretas, professoras, pesquisadoras, escritoras, resolveu promover um movimento em prol de denunciar as injustiças sociais sofridas pelos corpos pretos, bem como suas interseccionalidades. A estratégia de organização de um Coletivo de Mulheres Negras Mato-Grossenses e a força para desconstruir a norma social resultou em diversas atividades, dentre elas a obra *Rasuras Negras* (2020). As vozes dessas sete mulheres ecoam numa antologia que comporta as subjetividades, as identidades e as vivências poéticas, fluidas e transformadoras. Betsemens Barbosa de Souza Marcelino, Claudia Miranda Franco, Helenice Faria, Jacinaila Louriana Ferreira, Luana Soares de Souza, Maria Fernanda Ferreira e Marlene Santos da Silva anunciaram pelo viés da Poesia e da força coletiva ancestral, representação de novos tempos para a leitura, para a literatura e para o local em que vivem.

O cenário político vivenciado no Brasil neste período e ainda mais no estado de Mato Grosso eram desanimadores. Ainda sem saber quanto tempo o confinamento demoraria e com as notícias estarrecedoras da morte de George Floyd⁴ e aumento da violência contra as mulheres em Mato Grosso, este grupo decidiu dar uma resposta a todo este momento, e promover reflexões através da Poesia. Da

⁴ [Homem negro morre após ser sufocado por policial nos EUA, e caso gera protestos - Jornal O Globo](#) – visitado em 19/01/2023.

coletânea, selecionamos apenas dois poemas, todavia, a obra tem mais de cem, distribuídos pelas escritoras. Luana Soares de Souza inova com a:

Madona Negra

coloco as pulseiras
os brincos
passo o batom
o perfume
penteio os cabelos
uma última olhada no espelho
Eu
Madona Negra
liberta do relicário
guardo o orvalho da vida
no meu corpo
imaculado. (2020, p. 25)

Já da organizadora, Helenice Faria, selecionamos:

Existo

Conceberam-me em útero de ferro
Pariram-me à forja
E embalaram-me em berço de bronze.
Rasurei a história
Fiquei raízes
Cultivei copas frondosas
Doei meu fruto
Mesmo assim, arrancaram-me a sorte.
Então, sobressaltei os algozes
Arranquei as correntes
Os gemidos nos dentes

E em gritos estridentes
Assumi minha posse.
Agora reexisto
Reescrevo, insisto:
Revisito meu povo
Rasuro caminhos
E olho a vida de outros lugares. (2020, p. 53).

Luana Soares e Helenice Faria, cada uma a sua maneira, celebra sua vivência, sua identidade, seu prazer ou sua dor. Entretanto, o mais importante é perceber pela poética, mulheres negras ocupando seus lugares de prestígio e juntas, anunciam pelo viés da coletividade, novas narrativas, renovando assim, o mercado editorial ainda majoritariamente marcado pela presença branca e masculina. Essa obra é, portanto, motivo de celebração, divulgação e leitura em salas de aula.

A obra, em consonância com o movimento nacional de produção e divulgação de obras de mulheres negras, artistas mato-grossenses também se coloca no horizonte do mosaico brasileiro literário, através da pluralidade cultural.

Se o racismo instaurado no Brasil é estrutural, as vozes negras que rasuram os cânones, insurgem contra os padrões estéticos, linguísticos, semânticos e produz sororidade, alteridade e narrativas de esperança, entendemos tais ações como espaços equitativos.

Celebrar o campo da literatura negro-brasileira é fortalecer cada vez mais as vozes que empreendem respostas a um mundo cruel que é o racismo. Ao contrário de fazer emergir, pela crítica literária, corpos pretos como objeto puramente de análise, nossa perspectiva é esperar: apresentar a literatura mato-grossense objetivando a valorização da produção local, a divulgação tanto nacional quanto local e provocara mudança pela educação literária afim de contribuir com o cenário literário, ressignificar narrativas antirracistas, antissexistas, antidiscriminatórias e principalmente desconstruir, no imaginário coletivo, as “verdades” narradas pelos não pretos.

Para além, inserir a literatura negra nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas de Mato Grosso é desfazer normas eurocentradas que, há anos, perpetuam nas escolas. Reverter o quadro de “um estado racista” para “um espaço inclusivo e equitativo” é permitir a identificação, a explicação e a desconstrução da lógica dos estereótipos sobre os corpos negros. Promover debates pela literatura e perseguir caminhos para a criticidade, requer o esforço de lembrar que o cabelo (não liso), que o corpo (não branco) - construções coloniais - requer nova conceituação. Resistir e combater a linearidade temporal das vozes literárias, aquelas que ainda persistem em embranquecer e calar as potentes vozes pretas na literatura brasileira constitui um dos grandes desafios não somente aos estudos literários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu apresentar algumas produções literárias de mulheres negras do estado de Mato Grosso como possibilidade de ensino de Língua Portuguesa. Adotamos o caminho metodológico bibliográfico e analisamos que a consciência e a empatia pelos corpos não brancos promovem a inclusão e o respeito pelo outro.

Alertamos que a educação, se entendida como direito de todos, logo a literatura como bem cultural, pode desestabilizar a lógica racista e preconceituosa que povoa o cenário literário.

É premente avançar na política pública brasileira, lei 10.639/2003, e garantir o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira impulsionando o pensamento crítico e ético dos estudantes para o exercício pleno da cidadania.

Ressaltamos que o *modus operandi* da cultura escravocrata, entendida nesse trabalho como cruel e atual, não pode perpetuar neste século, pois é imperioso uma educação humanizadora.

As perguntas reverberadas ao longo deste trabalho exigem (re)posicionamentos, a saber: no campo literário, nas escolhas epistemológicas e no comprometimento de cada um para a mudança social.

A literatura negra mato-grossense resiste ao tempo, ao espaço e sem pedir licença, avança. Embora não haja para as vozes femininas incentivos públicos, fiscais e mercadológicos, autoras negras combinam, em suas “escrivivências”, resistir e levantar frente à construção de um movimento literário que escoe no oceano vasto e irrequieto, rasuras aos cânones literários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

CANDIDO, Antonio. “Direito à Literatura”. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

CAMPELO, Michele; ROQUE-FARIA, Helenice Joviano; NUNES, Rosana Helena; SILVA, Kleber A. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa e a Criticidade na Práxis Pedagógica: do(s) Letramento(s) Críticos aos Multiletramentos. **Caletroscópio**, Ouro Preto/MG, v. 9, n. 2, jul./dez. 2021, p. 16-31.

CARVALHO, Luciene. **Dona**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

FAGUNDES, Raphaela M. **Penteado Afro: cultura, identidade e profissão**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2019. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Penteado-Afro-Cultura-Identidade-e-Profiss%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FARIA, Helenice. (Org.). **Rasuras Negras**. Peruíbe: Laseco Editorial, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra. 1992.

PINTO, Neusa Baptista. **Bia, Tatá e Ritinha em Cabelo ruim?: como assim?** Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014.

PINTO, Neusa Baptista. **Cabelo ruim?: a história de três meninas aprendendo a se aceitar**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para o Mato Grosso** (DRC-MT). Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2018.

Recebido em: 31 de janeiro de 2023.

Aprovado em: 24 de abril de 2023.

Link/DOI: <https://doi.org/10.30681/rebs.v14i2.10838>

ⁱ Professora da Faculdade de Ciências Humana e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Sinop. Vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLETRAS) da UNEMAT e professora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – UNEMAT/Campus de Sinop. Membro do Grupo Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas - Certificado pelo CNPq.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0200510761269823>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4823-4020>

E-mail: adrianaprecioso@unemat.br

ⁱⁱ Pós-Doutorado (2022) e doutorado (2019) em Linguística pela Universidade de Brasília. Mestre em Linguística (2014) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres/MT). Docente Colaboradora da Universidade do Estado de Mato Grosso/Campus de Sinop/MT no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGLETRAS). É professora efetiva da educação básica e lotada na E.E Tiradentes de Sinop/MT. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e atua principalmente nos seguintes temas: Leitura, Letramentos, Formação Docente (Inicial e Continuada), Letramento Racial Crítico, Educação Linguístico-literária Antirracista. É autora de diversas obras literárias antirracistas e desenvolve projetos culturais/literários em Mato Grosso.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7779400159074129>

ORCID:

E-mail: helenice.faria@unemat.br